UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS – ICEAC
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

BRUNA DE LIMA FERRAZ

O PERFIL DAS MULHERES EMPREENDEDORAS NA ZONA RURAL DO BRASIL

Rio Grande
2019

Bruna de Lima Ferraz

O PERFIL DAS MULHERES EMPREENDEDORAS NA ZONA RURAL DO BRASIL

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel (a) em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Halmenschlager
Co-Orientador: Profa. Dra. Vivian dos Santos Queiroz Orellana

Rio Grande – RS

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e não me deixar desistir.

Agradeço aos meus pais Claudio e Lidia pelo apoio, compreensão, amor e incentivo que sempre me deram, sem vocês nada disso seria possível, vocês são o meu bem mais precioso. Nunca desistiram de mim, mesmo nos meus momentos mais difíceis.

Ao meu “namorido” Rafael Wigg pelo companheirismo, paciência nas inúmeras vezes que surtei, nos momentos que achava que não seria possível chegar até aqui, esteve do meu lado me dando todo o suporte necessário.

Aos meus orientadores Vinícius Halmenschlager e Vivian Queiroz, que me orientaram, ajudaram, me tranquilizaram em momentos de desespero, onde achei que não conseguiria eles confiaram a mim expectativas que nem eu mesma pensei um dia ser capaz de cumprir.

Aos demais professores que se tornaram amigos ao longo da caminhada desta graduação.

Aos meus amigos de forma geral, seja do grupo da comissão, do tretas, da furg ... Que sempre me apoiaram, incentivaram, e entenderam os momentos de “sumiço” quando estava fazendo a graduação. Obrigada por estarem ao meu lado sempre me apoiando!

Aos colegas que já se formaram, e aqueles que permanecem na caminhada, jamais me esquecerei de vocês

Aos meus grandes e enormes parceiros Google e YouTube, que foram de extrema importância para conseguir terminar o curso e colaboraram para a elaboração dessa monografia, que me acompanharam desde o início, nunca me deixando na mão. Meu muito obrigada!

Por fim agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram com a minha formação.

Quando você tropeçar, mantenha a fé. Quando for nocauteado, levante rápido. Não ouça quem diz que você não pode ou não deve continuar. **Hillary Clinton**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar o empreendedorismo feminino rural no Brasil, usando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015. Com o intuito de verificar quais são os fatores que levam a mulher tornar-se uma empreendedora rural, foi usado para analisar os dados, o modelo de probabilidade com distribuição normal *probit*. Os resultados obtidos sobre o perfil da mulher empreendedora no país, demonstraram que existem efeitos significativos positivos para as seguintes variáveis, diferenciando entre zona rural, atividade agrícola na zona rural, atividade não agrícola na zona rural. Para a zona rural, os efeitos significativos positivos foram encontrados em diversas variáveis, separada, fundamental incompleto, fundamental completo, médio incompleto, médio completo, norte, centro oeste, raça, idade. Já para a atividade agrícola na zona rural, os resultados significativamente positivos foram encontrados nas variáveis, separada, médio completo e idade, e para atividade não agrícola na zona rural, os resultados consideráveis que tiveram os resultados positivos encontrados foram, fundamental completo e incompleto, norte, nordeste e idade ao quadrado.

Palavras-chave: Empreendedorismo rural, agro-empreendedor, probit

ABSTRACT

The present study aims to study rural female entrepreneurship in Brazil, using the National Household Sample Survey (PNAD) of 2015. In order to verify what are the factors that lead women to become rural entrepreneurs, was used to analyze the data, the probability model with normal distribution probit. The results obtained on the profile of the entrepreneurial woman in the country showed that there are significant positive effects for the following variables, differentiating between rural area, agricultural activity in the rural area, non-agricultural activity in the rural area. For the rural area, significant positive effects were found in several variables, separated, fundamental incomplete, complete fundamental, incomplete middle, complete middle, north, center west, race, age. However, for the agricultural activity in the rural area, the significant positive results were found in the variables, separated, complete middle and age, and for non-agricultural activity in the rural zone, the considerable results that had the positive results found were, fundamental complete and incomplete, north, northeast and age squared.

Keywords: Rural entrepreneurship, agro-entrepreneur, probit

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GEM – *Global Entrepreneurship Monitor*

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

IBQP -Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade

FDA- Função de Distribuição Acumulada

LISTA DE TABELAS

TABELA -1 – Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas 28

TABELA - 2 – Estimativas dos efeitos marginais associados a probabilidade de a mulher ser empreen dedoras na zona rural.....33

TABELA - 3 – Estimativa dos determinantes de a mulher ser empreendedora na zona rural e nas atividades agrícolas e não agrícolas.....35

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Preferencia entre lazer e consumo.....23
Figura 2 – Restrição orçamentaria.....24
Figura 3 – Produtividade do trabalho.....26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....14
2 REVISÃO DE LITERATURA 17
2.1 Revisão empírica 17
2.1.1.Empreendedorismo na literatura 17
2.2.2.Empreendedorismo Rural.....19
2.2 Revisão técnica 21
2.2.1.Oferta de trabalho.....21
2.2.2 Demanda por trabalho.....25
3 DADOS E METODOLOGIA.....27
3.1 Dados.....27
3.2 Metodologia.....29
4 RESULTADOS.....33
5 COSIDERAÇÕES FINAIS 37
REFERÊNCIAS.....39
APÊNDICE.....43

1- INTRODUÇÃO

É cada vez mais comum a participação feminina no meio empreendedor e isso ocorre devido ao espaço que a mulher vem conquistando no meio coorporativo e no mercado de trabalho. De acordo com Schumpeter (1934 e 1984), o empreendedorismo é visto como um dos auxílios econômicos mais importantes desde o século XX, pois, tanto na primeira quanto na segunda Guerra Mundial, houve grande entrada da mulher no mercado de trabalho, fato que ocorreu devido aos homens terem sido enviados para a guerra e muitos mortos nos combates. Logo possibilitando às mulheres assumirem atividades exercidas anteriormente exclusivamente por homens. O empreendedorismo tem ganhado destaque atualmente devido à sua importância para a criação de novas oportunidades de emprego, inovação e crescimento econômico (ELAM; TERJESEN, 2010).

Muitas mulheres estão inseridas no meio empreendedor, segundo ROSA *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), o empreendedorismo é definido como *"qualquer tentativa de criação e desenvolvimento de novos negócios, ou criação de novas empresas, como o trabalho por conta própria, uma nova organização empresarial, ou a expansão de uma empresa já existente*". O empreendedor exercendo papel importante para o sustento das famílias (LEONE; BALTAR, 2008; FRANCO, 2014). Segundo a GEM (2016), as mulheres foram responsáveis por 51,5% das empresas abertas nos últimos três anos e meio. Outra pesquisa realizada pelo SEBRAE (2014) mostrou que o Brasil possuía 7,9 milhões de empresárias, o que representa um aumento de 34% no nível do empreendedorismo composto por mulheres no período de 14 anos.

Cabe enfatizar que o empreendedorismo pode ser motivado por necessidade ou por oportunidade (VALE; CORRÊA; REIS, 2014). Os empreendedores por necessidade são aqueles que escolhem essa ocupação porque não possuem melhores opções de trabalho e encontram no empreendedorismo sua fonte de renda. Por outro lado, os empreendedores por oportunidade são aqueles que possuem boas opções de inserção no mercado de trabalho, porém, acabam escolhendo iniciar um negócio devido a uma boa

oportunidade de investimento, ganhando maior utilidade ao empreender, quando comparado com o trabalho assalariado (TERJESEN; AMORÓS, 2010).

Todavia, quando se refere ao empreendedorismo feminino, os motivos apontados pela literatura para a mulher se tornar empreendedora são muito variados. Destaca-se, por exemplo, a necessidade de auxiliar no sustento da família, alternativa de trabalho para manter a própria sobrevivência, flexibilidade de horários que permite conciliar família e trabalho, ou os que se relacionam mais à realização profissional, tal como a dificuldade de ser reconhecida na sua profissão, independência financeira e oportunidade de investir em um setor inovador (CROMIE; HAYES, 1988; HISRICH; PETERS, 1989; MOORE; BUTTNER, 1997).

Combinado a isso, há uma modificação na dinâmica do mercado de trabalho brasileiro. As mulheres, passaram a ocupar atividades que eram proeminentemente masculinas, como é a caso das atividades econômicas desenvolvidas na zona rural. Dados do CEPEA (2018) indicam que a participação das mulheres nas atividades econômicas na zona rural, sobretudo nàs agrícolas, cresceu 40% nos últimos anos.

Assim, tendo em vista a crescente participação feminina em atividades empreendedoras, bem como sua ascendente atuação em atividades econômicas rurais e agrícolas, a presente monografia tem como principal objetivo investigar os principais fatores que levam a mulher a se ocupar como empreendedora na zona rural do Brasil, bem como determinar o perfil da mulher agroempreendedora. Para tanto, será utilizada como base de dados a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2015 e um modelo de probabilidade *probit*.

Mesmo com a crescente participação da mulher no meio do empreendimento rural, ainda são poucos os trabalhos acadêmicos voltados para temática no Brasil. Os estudos que se destacam dentro da temática do empreendedorismo feminino é o trabalho de Rosa (2018), que estudou a diferença de rendimentos entre as mulheres empreendedoras e assalariadas no Brasil, Serpa et al. (2017), que fez algo similar, porém abordando a diferença de renda para os empreendedores em geral, enquanto que Menezes et al. (2015) investigou os determinantes do empreendedorismo no Brasil.

Torna-se relevante o estudo sobre o empreendedorismo feminino rural no Brasil, visto a necessidade de se ampliar o acesso e o conhecimento das mulheres sobre o mundo empreendedor e, além de analisar a temática, olhando a importância da mesma como meio de transformação social, conduzindo assim outras mulheres a mudar sua realidade e das pessoas ao seu redor, gerando novos empregos e renda. Logo, afora essa introdução, a seção dois apresenta-se uma revisão de literatura que discorre sobre os determinantes do empreendedorismo. Em seguida na seção três, é apresentada a metodologia adotada para o presente trabalho. Por fim, na seção quadro e cinco, será apresentado o resultado e conclusão, respectivamente.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Em linhas gerais, a presente seção, será composta por um breve estudo sobre o Empreendedorismo na literatura, seguido sobre o Empreendedorismo Rural, além de abordar também, a oferta e demanda por trabalho.

2.1 Revisão empírica

2.1.1.Empreendedorismo na literatura

A partir dos trabalhos dos grandes percussores Cantillon, Say, Schumpeter e Weber, o estudo referente ao empreendedorismo vem tornando-se tema de muita importância em diversas áreas, abrangendo estudos acadêmicos e empresarias. O empreendedorismo foi sendo caracterizado de diversas formas, desde daquelas que levavam em conta as habilidades diferenciadas da personalidade como as que se referiam à ao empreendimento/mercado.

McClelland (1962) definiu o empreendedorismo como sendo uma qualidade pessoal dos indivíduos guiados por habilidades psicológicas diferentes. Já na definição de Drucker (2002), o empreendedorismo é visto como um procedimento e não com uma característica de personalidade. O empreendedor também foi definido por Schumpeter(1984) como sendo um indivíduo inovador que implementa mudanças nos mercados através de novas combinações, seja produtos, métodos, ou até mesmo abertura de um novo mercado.

Segundo Lucas (1978), as diferenças dos indivíduos estão em aspectos da sua capacidade empreendedora o que leva à uma heterogeneidade dos agentes no modelo. Lucas (1978), incentivado por estudos de escolha ocupacional, que baseava-se na distribuição continua entre talento empresarial e força de trabalho, escreveu em seu artigo, que se tratando de habilidades empreendedoras, os indivíduos são diferentes, habilidade essa que é de razão heterogênica. Logo, como os indivíduos optam pela decisão que lhe proporciona maior utilidade, os

indivíduos menos talentosos, continuam sendo empregados, já os que possuem mais habilidades, tornam-se empreendedores.

Já Chiavenato (2007, p.11-12) aborda outros dois tipos de empreendedores: o artesão e o oportunista. O artesão é “o que inicia um negócio basicamente com habilidades técnicas e um pequeno conhecimento da gestão de negócios”. Onde o artesão é o tipo de empreendedor que possui a habilidade de gerenciar seu próprio negócio de forma limitada, por não terem qualificação técnica. Já o oportunista, “é aquele que tem educação técnica suplementada por estudo de assuntos mais amplos, como administração, economia, legislação ou línguas. Procura sempre estudar e aprender”. Sendo esse tipo de empreendedor, o que mais se destaca entre os dois abordados. Na visão de Parker (2009), as características do indivíduo como aversão ao risco, experiência profissional, nível de escolaridade, capital humano, idade, assim como aspectos específicos de personalidade, são características que podem influenciar a escolha do indivíduo pelo empreendedorismo.

Alguns fatores pessoais são apontados pela literatura como motivação para mulheres se tornarem empreendedoras e segundo Naser et al. (2012) são considerados positivos por favorecer o empreendedorismo e o próprio negócio.

Algumas pesquisas mostram que as mulheres empreendedoras procuram auto realização pessoal através da criação do seu próprio negócio (Jonathan, 2001; Moore & Buttner, 1997). De acordo com Naser et al. (2012), Zanakis et al. (2012) e Vale et al. (2014), alguns desses fatores estão diretamente relacionados às dificuldades financeiras, levando as mulheres a realizarem o sonho do seu negócio próprio. Além da independência financeira, a mulher pode se tornar empreendedora visando guardar recursos, o que possivelmente não seria possível se estivesse em um emprego formal, como apontado por Hermans et al. (2012), ou também para melhorar seu poder de compra, como destacado por Beyda e Casado (2011) e Fernandez et al. (2014).

Estudos como os de Uchitelle (2002), Davies-Netzley (2000) e Still e Timms (2000) apontam que a mulher consegue lidar com o trabalho e a família de forma simultânea e que elas são muito cuidadosas com a imagem da empresa, tal como destaca Villas Boas (2010, p.51):

> "*Existem importantes diferenças entre os estilos de empreender masculino e feminino. Elas têm uma ótima capacidade de persuasão e se preocupam com clientes e fornecedores, o que contribui para o progresso da empresa*".

O relatório da GEM (2016) aponta que as mulheres empreendedoras estão enquadradas, em sua grande maioria, em setor de serviços, como por exemplo, restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas, cabeleireiras e atividades de tratamento de beleza, comércio varejista de artigos de vestuário e acessórios e serviços domésticos.

No entanto, o empreendedorismo feminino enfrenta diversas barreiras, passando pela falta de apoio familiar, como apontado pelo estudo de Zanakis et al. (2012), e a dificuldade em conciliar o trabalho e a família. De acordo com Winn (2005), o trabalho e a família são itens complementares, mas, em se tratando das mulheres, há muitas dificuldades devido à pressão familiar, principalmente se elas possuem filhos pequenos, como destacado por Mathew (2010). Rees e Shah (1986) enfatizam que o apoio da família exerce papel positivo para o indivíduo se tornar proprietário do próprio negócio. Verifica-se que o meio escolhido por empreendedoras que são mães de adolescentes, se torna eficiente para alcançar o objetivo de satisfazer suas auto realizações, quanto a dos seus filhos (Shindhutte, Morris & Brennan, 2001). Outra barreira enfrentada pelas mulheres refere-se ao preconceito quanto à fragilidade da mulher, pois as mulheres podem ser consideradas sensíveis, dóceis, fracas e até mesmo sem capacidade de trabalhar em um ambiente empresarial hostil (GRAY; FINLEY-HERVEY, 2005, WELTER; SMALLBONE, 2008).

Mesmo diante de todas as dificuldades e preconceitos enfrentados pelas mulheres ocupar espaço no empreendedorismo, é notório o aumento da participação feminina como empreendedoras no meio rural. E apesar de existirem muitos estudos que abordam a temática do empreendedorismo feminino no mundo, existe ainda muito o que se estudar sobre o tema no Brasil. Os trabalhos que se destacam são os no Quadro 1 em apêndice.

2.2.2.Empreendedorismo Rural

No Brasil, a agricultura familiar surgiu como uma forma de produção proveniente das plantações na época do período colonial, surgindo assim, o

trabalho na zona rural (SOUZA et al, 2013). De acordo com Bracht; Werlang, 2015, o agronegócio recebe destaque nos empreendimentos rurais por serem motivados pelas atividades regionais, evidenciando elevada participação do empreendedorismo rural no desenvolvimento econômico do Brasil e mesmo assim existem poucas pesquisas sobre o meio empreendedor rural (MECCHERI; PELLONI, 2006; KIBLER, 2013).

Ao longo do tempo notou-se uma mudança no perfil do empreendimento “agroempreendedor” vindo da zona rural, as quais eram ligadas diretamente às atividades de exploração agrárias e artesanato, sendo a grande maioria dessas atividades feitas no lar sem vínculo empregatício e sem rendimentos fixos, embora com flexibilização nos horários, o que permitia maior alinhamento com o trabalho doméstico para as mulheres nesse ramo.

Notou-se que no período entre 2004 a 2015 ocorreu uma queda da população ocupada (PO), do agronegócio, sendo a redução de 6,6%. Ao mesmo tempo, que o número de homens no setor rural caiu em 11,6%, houve um aumento no número de mulheres atuando no setor, aumento esse de 8,3. Dessa forma, notou que a mulher vem participado cada vez mais do agronegócio, onde foi observado, um aumento de 24,1% para 28% sua participação no período acima mencionado. Fazendo uma análise geral do Brasil, a participação mulher no meio agro ainda é baixa, onde em 2015 apenas 40% da mão de obra era feminina (Cepea, 2018).

É notório que a maior parte das oportunidades de empregos estão nos centros urbanos, enquanto que no âmbito rural, o indivíduo se depara com a imposição de ser criativo para gerar renda e isso gera a necessidade de maior busca por informação e conhecimento para oferecer algo diferente (REIS; ARMOND, 2012). Ainda existe pontos culturais que ganharam destaque nos estudos de Cepea (2018) onde a “cultura” acaba por afetar as mulheres a serem contratadas no setor rural e frequentemente, a oferta de mão de obra feminina para o setor rural e baixa, sendo locais onde as lavouras encontram-se próximas aos centros urbanos (esse que possui mais opções de empregos em setores diversos, e nas mais variadas atividades).

Assim, o agroempreendedor tem de tomar iniciativas para melhorar seu desempenho, como investimentos em produtos e serviço (CHAVES et al, 2009). Se o futuro empreendedor for competente para possibilitar as alterações, faz-se crucial entender o que os leva idealizar essas modificações (VIEIRA; JACINTO, 2015), visto também, que o setor rural possui um grande número de concorrentes (CHAVES et al., 2010).

O empreendedorismo rural, segundo Flores e Ries (2006.p.19), tem a "necessidade de controlar e gerenciar um número cada vez maior de atividades que podem ser desenvolvidas dentro de uma propriedade do setor agropecuário". O sucesso dos empreendimentos rurais possui barreiras devido à falta de preparo das empreendedoras rurais e da forma como as mesmas gerenciam seus negócios (BRACHT; WERLANG, 2015; CHAVES et al., 2009).

O grau de conhecimento das empreendedoras rurais é em média inferior as urbanas, o que acaba por ser prejudicial ao ato de empreender, uma vez que o conhecimento sobre o que se está empreendendo, está relacionada com o avanço da atividade agrícola (SOUZA et al, 2013). Empreendedoras que conseguem usar de forma completa e coerente as funções administrativas, conseguem encontrar resultados melhores gerenciando seus negócios (CELLA; PERES, 2002).

Observando o agronegócio, conforme o seus segmentos, verificou-se um grande diferencial entre os setores que os homens atuavam, para o das mulheres. No mesmo tempo em que os homens atuavam na agroindústria no setor primário (agropecuária), as mulheres atuam nas agroindústrias e nos agro serviços. (Cepea, 2018).

Além disso, outra barreira vista pelas agroempreendedoras refere-se a falta de infraestrutura disponível para que seu produto tenha uma logística adequada e possa chegar até o seu cliente final, limitada pela infraestrutura escassa que é muitas vezes prejudicada pela distância, o que acaba por gerar problemas em transporte, telecomunicação, e muitas vezes, até mesmo problemas de recebimento de energia elétrica (LEE:PHAN, 2008).

2.2 Revisão técnica

2.2.1.Oferta de trabalho

Tratando de oferta de trabalho, leva-se em conta a tomada de decisão, entre ofertar ou não trabalho, além do tempo, que será disponibilizado para tal ato, logo, conforme Borjas (2012), a oferta de trabalho é encontrada, por meio da soma de escolhas de um determinado período. Diante disso, deve-se entender como e composta a força de trabalho, onde o indivíduo pode já estar no mercado de trabalho, estar desempregado, ou estar fora da força de trabalho.

Sabendo que (E) representa a quantidade de pessoas que possuem emprego, (U), as que não possuem emprego, é possível calcular força de trabalho (LF), de acordo com Borjas (2012):

$$LF= E+ U$$

Para serem considerados (E), o indivíduo deve estar exercendo um trabalho remunerado, para a condição (U), seve ser um desempregado ativo, ou seja, que trata-se dos indivíduos que estão em busca de uma oportunidade de trabalho no último mês, que antecede o estudo.

Diante do exporto acima, é possível identificar a parcela da população (P), que está presente na (LF), logo sendo possível encontrar a taxa de participação da força de trabalho, através da equação:

$$\text{Taxa de participação na força de trabalho} = \frac{LF}{P}$$

Para Borjas (2012), as pessoas buscam maximizar o seu bem estar, pelo meio de análise dos bens consumidos e das horas lazer. A decisão que o indevido deverá analisar, por um lado, está em obter o máximo de horas de lazer e poucas horas de trabalho, dessa forma, obtendo um salário menor em prol do consumo. Já, um número maior de horas de trabalho, leva a maiores salários e consumo, entretanto, diminuindo as horas de lazer.

Além do mais, segundo Borjas, os trabalhadores procuram melhorar suas escolhas, maximizando assim, o seu bem estar (o momento em que as pessoas

escolhem qual decisão lhe dará maior retorno), com isso, fazendo com que os trabalhadores possam decidir quando e melhor trabalhar ou não trabalhar, bem como escolher sua profissão, momento certo de pedir demissão, entre demais decisões, assim, as pessoas podem decidir, as horas de trabalho levando em consideração, a escolha entre lazer e trabalho, buscando assim, maximizar sua utilidade.

Conforme Borjas (2012), o entusiasmo as pessoas, esta tanto nos bens de consumo, quanto nos momentos de lazer, onde pode ser escrita diante da função de utilidade abaixo, o qual e composta pelo consumo (C), tempo proposto ao lazer (L):

$$U=f\ (C,L)$$

A função utilidade (U) é a responsável por medir o contentamento ou felicidade dos indivíduos. Quanto maior o índice de (U), maior é o grau de felicidade do indivíduo, onde é possível ter diversas ligações, entre horas trabalhadas e lazer, o qual é possível chegar ao nível máximo de utilidade. Essas combinações são as curvas de indiferença, que mostram as preferências individuais das pessoas, analisando entre lazer e consumo. A inclinação das curvas, mostra o quanto cada indivíduo abre mão do consumo ou horas de lazer, para que seja possível encontrar a utilidade máxima dos indivíduos.

Com isso, a inclinação da curva pode ser encontrada através de:

$$\frac{\Delta C}{\Delta L} = -\left(\frac{MU_L}{MU_C}\right)$$

Através da função utilidade, é possível medir a taxa marginal de substituição (TMS), que calcula o valor absoluto da inclinação da curva de indiferença. É a taxa que mostra o quanto o indivíduo está disposto a ceder, de uma ação pela outra.

Como mostra o gráfico abaixo, Figura 1, sobre as preferências entre lazer e consumo

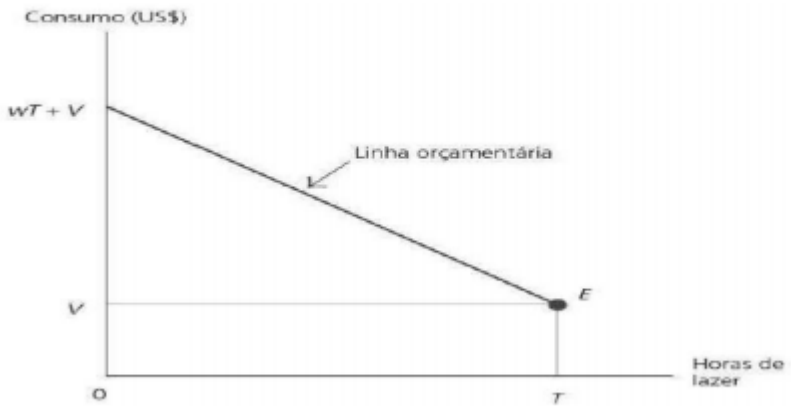
Figura 1 Preferências entre lazer e consumo

Conforme o gráfico acima, a curva de indiferença está mais inclinada para as horas de lazer, apontando assim uma preferência por lazer, uma taxa de substituição marginal alta, ou seja, o indivíduo precisaria de um incentivo alto de consumo, para dispensar de uma hora de lazer. Caso o cenário acima fosse inverso, ou seja, a curva fosse pouco inclinada, teríamos uma baixa taxa de substituição, logo, seria necessário pouco incentivo para abrir mão de uma hora de lazer.

Segundo Borjas (2012), o consumo de bens e o de lazer estão ligados a renda e ao tempo do indivíduo. A restrição orçamentaria (RO), esta composta por renda não trabalho (V), número de horas disponíveis ao mercado de trabalho em um dado ponto no tempo, (h), a taxa salarial por hora (w). E (wh) representa o produto da taxa salarial e das horas de trabalho e (C), o gasto com bens, que resulta no mesmo montante dos ganhos com o trabalho, e dos ganhos com o não trabalho. Por consequência, a restrição orçamentária (RO) pode ser descrita, da seguinte forma e figura 2:

$$C = wh + V$$

Figura 2: Restrição orçamentária



Fonte: Borjas (2012)

Nota-se o ponto E, ele mostra que o indivíduo escolheu somente o lazer, logo a renda é do não trabalho (V). De outra forma, se o indivíduo decidir ceder de algumas horas de lazer, o ponto E se deslocara ao longo da linha orçamentaria. Outro possível cenário, seria se o indivíduo tomasse a decisão de ceder de todas as horas de lazer, logo consumiria (wt + V) de bens. O consumo de bens e lazer, só poderá ser feito, dentro da restrição, ou seja, tudo que estiver na linha ou da linha para baixo. Acima da RO, significa dizer que está fora restrição, logo não podendo haver consumo.

Logo, percebe-se que a renda tem grande importância em relação as pessoas ofertar ou não trabalho, pois a decisão de cada um está sujeita a partir do seu salário reserva, quer dizer, de acordo com LIMA (2017, p.15 apud Santos et al. 2010, p. 359), “A regra de decisão de participação no mercado será: o agente participa da força de trabalho se o salário oferecido no mercado superar seu salário reserva”.

Borjas (2012), mostra a inclusão no mercado de trabalho, está relacionada com a semelhança o do salário de mercado (responsável por mostrar quanto a empresa está determinada a pagar, para uma hora de trabalho), já o salário reserva, mostra o valor que o indivíduo impõe, para motiva-lo a trabalhar.

2.2.2 Demanda por trabalho

O mercado é composto além da oferta de trabalho, pela demanda por trabalho. Logo, podemos começar esse tópico estudando a demanda de trabalho com base na função de produção de uma empresa. Considerando aqui, que existam dois fatores de produção K e E, onde (K) é o capital que inclui o estoque agregado de equipamentos, terra, entre outros, e (E) E o número de horas dos empregados contratados. Logo, para Borjas (2012), a função de produção é:

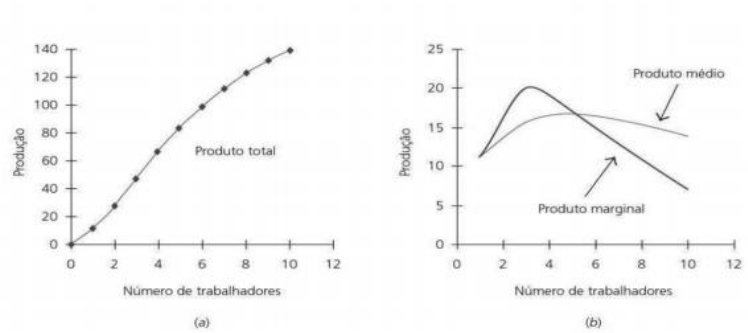
$$q=f\ (E,K)$$

Em que (q), mostra a produção da empresa.

Para Borjas (2012), a função de produção, apresenta duas hipóteses, primeiramente, o número de horas do empregado E, que é dado pelo número de trabalhadores multiplicado pelo número médio de horas trabalhadas, levando em consideração aqui, somente ao insumo trabalho, deixando de lado, a diferença entre o número de pessoas contratadas e o número de horas dedicadas ao trabalho. Em segundo, a função de produção, que mostra que os diversos tipos de trabalhadores, que juntos, formam um único consumo.

O gráfico abaixo analisa a relação da produtividade marginal do trabalho com o produto:

Figura 3: Produtividade do trabalho



Fonte: Borjas(2012)

O gráfico A, mostra a correção entre produto e quantidade de trabalhadores contratados. Já o gráfico B, expõe a relação entre aumento da produção e das contratações. Por isso, conforme Borja (2012), as empresas querem maximizar o seu lucro, podendo ser encontrado através da equação:

$$Lucro = pq – wE – rK$$

Onde:

p= preço de venda da produção

w= custo para contratar trabalhadores

r= preço do capital

Logo, é uma empresa perfeitamente competitiva, é aquela que pode contratar o número certo de capital e trabalho, isso ocorre no momento que o preço do produto (p), não é afetado pela produção, nem o preço do trabalhador (w) e do capital (r) não e afetado pelas contratações.

Conforme Borjas (2012), uma empresa competitiva consegue empregar o quanto quiser a um (w), constante.

Desse modo:

$$VMP_e = w$$

Sendo, VMPE, r o valor do produto marginal do trabalho. Diante disso, uma empresa que busca maximizar o seu lucro vai expandir sua contratação, até o ponto onde o produto marginal se igualar ao custo do trabalhador, pois se for além disso, não irá ser vantajoso a contratação, pois diminuiria seu produto marginal. Lembrando que, o produto marginal deve ser superior em comparação com o salário dos trabalhadores, pois é ele que mede para as empresas, a contribuição de cada trabalhador. Também, segundo Borjas (2012), o que muda o número de contratações, é as alterações nos salários. Logo, com a diminuição do salário, aumenta a quantidade de trabalhadores a serem contratados.

3. DADOS E METODOLOGIA

3.1 Dados

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é evidenciar o perfil da mulher empreendedora rural no Brasil, nesse tópico, será feita a análise para determinar o que leva uma mulher a se tornar empreendedora rural no país. Para isso, os dados são utilizados dados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) de 2015, que é disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A Tabela 1, apresenta as estatísticas descritivas das variáveis utilizadas.

A amostra final para o período analisado tem um número total de 8,824 indivíduos, na amostra foi filtrada somente para mulheres, pessoas economicamente ativas, residentes de zona rural e excluindo-se da amostra, funcionários públicos. Destes, 7,576 indivíduos já moraram em outros estados, e 7.014 possuem filhos. Observa-se também, que enquanto 8.811 das mulheres empreendedoras possuem TV, 8.824 possuem acesso à internet móvel.

Tabela 1- Estatísticas descritivas das variáveis utilizadas

Variável	Obs	MEDIA	DESVIO PADRÃO	Min	Max
Empreendedor	8,824	0,193563	.3951127	0	1
Viúva	8,824	0,0427244	.2022465	0	1
Separada	8,824	0,0347915	.1832617	0	1
total filhos	7,014	3.297,405	2.299.096	0	20
Fund_incompleto	8,824	0,4471895	.4972314	0	1
Fund_completo	8,824	0,0965549	.2953674	0	1
Medio_incompleto	8,824	0,0593835	.2363545	0	1
Medio_completo	8,824	0,2007026	.4005487	0	1
Superior_incompleto	8,824	0,0276519	.1639826	0	1
Superior_completo	8,824	0,0345648	.1826852	0	1
Nao_determinado	8,824	0,0041931	.064622	0	1
Sudeste	8,824	0,1659112	.3720219	0	1
Nordeste	8,824	0,4076383	.4914231	0	1
Norte	8,824	0,2003626	.4002944	0	1
Centrooeste	8,824	0,0644832	.2456257	0	1
Municipio_a	8,824	0,6032412	.4892529	0	1
Outro_estado	7,576	0,0823654	.2749387	0	1
Tv	8,811	0,9333787	.2493791	0	1
Internet_móvel	8,824	0,9118314	.2835561	0	1
RACA	8,824	0,3463282	.4758263	0	1
Idade	8,619	4.058.,093	1.471.221	16	90
Idade_2	8,619	1.863,236	1.309.723	256	8100
Comecou10_14	8,48	0,5040094	.5000134	0	1
Comecou15_17	8,48	0,1762972	.3810953	0	1
Comecou18_19	8,48	0,0654481	.2473295	0	1
Comecou20_24	8,48	0,039033	.193685	0	1
Comecou30ou mais	8,48	0,0069575	.0831261	0	1
Aluguel	8,824	0.0040798	.0637464	0	1
Aposentado	8,824	0,1388259	.3457844	0	1
Pensionista	8,824	0,0403445	.1967771	0	1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da PNAD 2015 – IBGE.

Do total das mulheres da amostra, 34,63% são brancas, enquanto 65,37% representam as mulheres negras. Além disso, foi possível observar na tabela que a idade com maior porcentagem que as mulheres começaram a trabalhar, representando 50,40% da amostra, foi entre 10 e 14 anos, já a menor faixa etária de início do mercado de trabalho representando 0,695% idade entre 30 anos ou mais. Vale destacar também, que as mulheres pensionistas representam 40,34% das mulheres empreendedoras, em contrapartida, as mulheres que possuem renda de aluguel, e que são aposentadas apresentam, 0,4% e 13,88% respectivamente. Outro ponto importante observado na tabela de estatísticas descritivas dos dados utilizados é ao que se refere a escolaridade das empreendedoras, onde as que possuem ensino fundamental incompleto representam a maior parte das empreendedoras correspondendo 44,71%, seguido das que possuem ensino médio completo (20,05%), fundamental completo (9,65%), médio incompleto (5,93%), superior completo (3,45%) e por fim, superior incompleto (2,76%).

3.2 Metodologia

A partir da determinação do objetivo, e tendo como referência o trabalho de Menezes et al. (2015) e Camargo Neto et al. (2016) modelo econométrico utilizado será um modelo probabilístico resposta qualitativa *probit*, para que possamos ilustrar o empreendedorismo feminino sendo uma escolha ocupacional, partindo da comparação com as demais profissões. O modelo probit partiu, inicialmente de estudos feitos por Bliss (1934a, 1934b e 1935), onde teve como resultado encontrado, que o método trata-se de uma forma de mensurar dados de percepção.

O termo *probit* foi introduzido por Gaddum e Bliss, que tem como conceito ser uma unidade de probabilidade, onde ambos autores se dedicaram a esse método, onde tinha como resultados, respostas aleatórias, devido a oscilação dos níveis dos indivíduos. Partindo da teoria econômica, onde o agente procura a melhor forma de maximizar sua função utilidade, escolha essa binaria, ou seja, podendo ser representada entre as escolhas “sim” ou “não”, ou por fazer ou não

fazer algo, nesse caso, as opções seriam entre a mulher escolher se tornar uma empreendedora ou não tornar-se. De acordo com pesquisar de Parker (2004, 2009), o estudo sobre a temática do empreendedorismo, tem por sua grande maioria o uso de modelos binários, com maior destaque para os modelos *Logit* e *Probit* entre os que possuem essa finalidade.

Conforme Gujarati (2006), os modelos que utilizam variável com valores "zero ou um", para que possam modelar a regressão, devem empregar o uso da Função de Distribuição Acumulada (FDA), para que os valores encontrados quando forem feitos as estimativas, estejam no intervalor entre [0-1] (KENNEDY,2009). Para esse trabalho, nossa FDA será a de distribuição normal, visto que o modelo a ser estimado, trata-se de *probit*, com isso, tendo partindo de que o **X** possui distribuição normal, média μ e variância σ2, é dada por (GUJARATI, 2006):

$$f(x) = \int_{-\infty}^{xo} \frac{1}{\sqrt{2\sigma^2\pi}} e^{-\frac{(x-\mu)^2}{2\sigma^2}}$$

Com isso, de acordo com Gujarati (2006), há um índice de utilidade que não e perceptível Ii, índice esse que quanto maior for o seu valor, maior será a probabilidade de escolher ser uma empreendedora, também, tem por determinação uma ou mais variáveis independentes, influenciando assim a probabilidade de obter uma escola P (Y=1). De acordo com a equação:

$$\mathrm{I}i = \beta_1 + \beta_2 \mathrm{X}_i$$

Observa-se que exista um nível crítico ou início do índice Ii*,para cada indivíduo, onde caso o Ii venha a ultrapassar o Ii*,a mulher irá escolher por ser empreendedora, em contra partida, caso o Ii* supere o Ii a escolha ocupacional da mulher não será se tornar uma empreendedora, se o resultado encontrado entre Ii* e Ii forem os mesmos, fala-se que não é um resultado não observável, admitindo-se que se distribui normalmente e com mesma média e variância,

mostrando sessa forma, que há possibilidade de estimar alguma informação dos índices não observáveis, além dos parâmetros dos índices(GUJARATI, 2006).

Tendo como continuidade a distribuição normal, a probabilidade *P* de *Y* ser empreendedor, como já mencionada anteriormente sendo $Ii^* \leq Ii$, é encontrada através do modelo *probit F*, com função distributiva normal padronizada, é dado por:

$$Pi = P(Y = 1|x|) = P(Ii^* \leq Ii) = (Zi \leq \beta_1 + \beta_2 \mathrm{X}_i) = F(\beta_1 + \beta_2 \mathrm{X}_i)$$

Onde:

- P (Y = 1) é a probabilidade da mulher escolher pelo empreendedorismo,
- Zi é a variável norma padrão *Z* ~ *N* (0, σ^2), tendo como média zero e variância constante.

Já a FDA normal padronizada, dada a probabilidade de $Ii^* \leq Ii$, é:

$$f(Ii) = \frac{1}{\sqrt{2\pi}} \int_{-\infty}^{Ii} e^{-z^2/2}\, dz$$

$$= \frac{1}{\sqrt{2\pi}} \int_{-\infty}^{\beta_1+\beta_2 \mathrm{X}_i} e^{-z^2/2}\, dz$$

Ajustando a equação anterior (I_i= $\beta_1 + \beta_2 \mathrm{X}_i$), é possível encontrar valores de I_i, bem como valores de β_1 e β_2:

$$I_i = F^{-1} = F^{-1}(P_i)$$

$$= \beta_1 + \beta_2 \mathrm{X}_i$$

Como variável não observável no modelo probit direciona-se ao termo de erro, esse tendo sua distribuição normal, que não leva em consideração a variável dependente X, tendo media zero, além de variância constante, sendo assim possível descrever que o erro é distribuído de em torno do erro de forma simétrica (WOOLDRIGDE, 2010).

O modelo utiliza a estratégia de máxima verossimilhança, ou seja, estratégia essa que filtra parâmetros desconhecidos fazendo com que maximize valores da função (BATISTA, 2009). Através do método de máxima verossimilhança, não e possível encontrar uma interpretação focada diretamente nos coeficientes (BATISTA, 2009),logo, deve-se estimar o efeito marginal médio, esse, calculado através de valores médios da amostra para que os resultados dos coeficientes estimados sejam conclusivos (MENEZES et al., 2015),encontrando valores em percentuais sobre a escolha da mulher ser ou não empreendedora, valores esses que podem ser interpretados com uma mudança na probabilidade para alterações nas variáveis independentes para as continuas, além das variáveis dummies, permitindo assim, encontrar o percentual da variação das variáveis independentes que levam ao critério de escolher por ser ou não uma empreendedora.

Portanto, o modelo a ser estimado é o seguinte:

$$P_i(Y = 1|X) = \Phi(\beta_1 carac_pessoais_i + \beta_2 carac_regionais_i + \beta_3 caract_gerais_i + \varepsilon_i)$$

Em que $\mathrm{carac_pessoais_i}$, é um vetor de informações relacionados as características pessoais das mulheres analisadas, como ao fato de ser viúva, aposentada, idade, filhos, raça, idade que começou a trabalhar e escolaridade. Já as $carac_regionais_i$ são um vetor que engloba as características de estados, regiões, se morou em outra UF. Para captar as características sócio econômicas gerais $(\mathrm{caract_gerais_i})$, foram utilizados no presente trabalho características gerais, tais como se possui TV, internet móvel. Por fim ε_i é o erro estocástico.

4.RESULTADOS

A presente seção irá apresentar os resultados gerados a partir dos modelos *probit*. O objetivo é apresentar os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino rural no Brasil, usando os micro dados da PNAD para o ano de 2015.Os resultados são separados em três modelos: Zona rural, atividade agrícola na zona rural, atividade não agrícola na zona rural. Primeiramente analisando o modelo (TABELA 2) que investiga os determinantes do empreendedorismo na zona rural, independente da atividade econômica exercida:

Tabela 2 – Estimativas dos efeitos marginais associados a probabilidade de a mulher ser empreendedoras na zona rural

Empreendedor	Efeito marginal	Empreendedor	Efeito marginal
Viuva	0.0397 (0.0394)	Outro_estado	0.00620 (0.0192)
Separada	0.0536* (0.0306)	Tv	-0.0282 (0.0239)
Total_filhos	-0.000715 (0.00284)	Internet_movel	-0.0587** (0.0229)
Fundamental_incompleto	0.0383** (0.0171)	Raca	0.0262* (0.0138)
Fundamental_completo	0.0726*** (0.0275)	Idade	0.0111*** (0.00271)
Medio_incompleto	0.0672* (0.0364)	Idade_2	-9.57e-05*** (3.07e-05)
Medio_completo	0.0649*** (0.0251)	Comecou10_14	-0.0676*** (0.0138)
Superior_incompleto	-0.000893 (0.0462)	Comecou15_17	-0.0349** (0.0169)
Superior_completo	0.0319 (0.0397)	Comecou18_19	-0.0652*** (0.0232)
Nao_determinado	0.0496 (0.0909)	Comecou20_24	-0.0937*** (0.0245)
Sudeste	-0.0974*** (0.0165)	Comecou30oumais	-0.0616 (0.0508)
Nordeste	0.0744*** (0.0183)	Aluguel1	0.112 (0.106)
Norte	0.0380* (0.0230)	Aposentado	-0.0747*** (0.0196)
Centrooeste	-0.0884*** (0.0240)	Pensionista	0.0313 (0.0389)
Municipio_residencia	-0.0140 (0.0120)	Observações	8,824

Fonte: Elaborado pelos autores; Notas: os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. * parâmetros significativos a 10%; ** parâmetros significativos a 5%; *** parâmetros significativos a 1%.

Os resultados indicam que as mulheres separadas têm maior probabilidade de se tornar empreendedora em 5,36%. Analisando a variável idade, observa-se que a mesma esta correlacionada ao ganho de capital em experiência de mercado e encontrando assim, resultados positivos em 1,11%, ou seja, quanto maior a idade, mais experiência e assim maiores chances de escolher se tornar empreendedora, o que concorda com os trabalhos de Calvo e Wellizs (1980), Rees et al., (1986) e Blanchflower (2000), apesar de esse aumento seja decrescente observado através do sinal negativo da idade ao quadrado, ou seja, até um determinado ponto (idade), a opção de se tornar uma empreendedora aumenta, porém, após esse ponto, diminuiu o interesse por empreender, que valida com a literatura dos trabalhos de Parker (2009) e Evans e Leighton (1989).

Observando a variável total de filhos, a mesma possui resultados negativos em 0,0715%, o que contraria com estudos de Parker (2009), onde mostra que os filhos são uma das variáveis que fazem com que aumentam a escolha da mulher ser empreendedora.

Quanto a possuir um rendimento de aluguel elevam a chance do empreendedorismo em 11,2%, concordando assim com estudos importantes de Blanchflower e J. Oswald (1998), Evans e Leighton (1989), Hammarstedt (2009). Entretanto a variável aposentado apresentou um resultado negativo de 7,47%, com probabilidade de tornar-se tornar empreendedora, que contraria os trabalhos de Menezes et al., (2015) e Camargo Neto et al., (2016).

Sobre a variável outro estado, variável esta que mostra mulheres que residem e são naturais da Unidade da Federação, porém já residiram em outro estado ou país estrangeiro, o coeficiente da variável é positiva, com probabilidade de 0,62%. Afirmando assim, os estudos de Mayr e Peri (2008b) que apontam que no Brasil há grandes fluxos migratórios e o retorno de indivíduos à região de origem contribui positivamente para o desenvolvimento por aumentar a média de capital humano devido ao acúmulo de experiência em outras localidades e investimento em empreendimentos.

Adicionalmente, com intuito de verificar os diferentes perfis de mulheres empreendedoras na zona rural, foram realizadas estimativas dos determinantes do

empreendedorismo para atividades agrícolas e não agrícolas. Ainda, a estimativa por tipo de atividade permite identificar os determinantes do envolvimento feminino nas atividades agroempreendedoras. A Tabela 3 apresenta os efeitos marginais estimados tanto para atividade agrícola na zona rural quanto para atividade não agrícola na zona rural.

Tabela 3 – Estimativa dos determinantes de a mulher ser empreendedora na zona rural e nas atividades agrícolas e não agrícolas

(Continua)

empreendedor	Efeito Marginal Ativ. Agrícola	Efeito Marginal Ativ. Não Agrícola
Viuva	0.0397	0.0717
	(0.0394)	(0.0811)
Separada	0.0536*	0.0399
	(0.0306)	(0.0511)
Total_filhos	-0.000715	0.00517
	(0.00284)	(0.00678)
Fundamental_incompleto	0.0383**	0.104**
	(0.0171)	(0.0428)
Fundamental_completo	0.0726***	0.104*
	(0.0275)	(0.0553)
Medio_incompleto	0.0672*	0.0850
	(0.0364)	(0.0684)
Medio_completo	0.0649***	0.0527
	(0.0251)	(0.0490)
Superior_incompleto	-0.000893	-0.0520
	(0.0462)	(0.0657)
Superior_completo	0.0319	0.0261
	(0.0397)	(0.0627)
Nao_determinado	0.0496	0.0307
	(0.0909)	(0.173)
Sudeste	-0.0974***	0.0209
	(0.0165)	(0.0391)
Nordeste	0.0744***	0.221***
	(0.0183)	(0.0343)
Norte	0.0380*	0.150***
	(0.0230)	(0.0441)
Centrooeste	-0.0884***	0.0413
	(0.0240)	(0.0573)
Municipio_residencia	-0.0140	-0.0316
	(0.0120)	(0.0218)
Outro_estado	0.00620	0.0862**
	(0.0192)	(0.0337)
Tv	-0.0282	0.0168
	(0.0239)	(0.0500)
Internet_movel	-0.0587**	-0.0616*
	(0.0229)	(0.0348)
Raca	0.0262*	0.0295
	(0.0138)	(0.0241)
Idade	0.0111***	-0.00899
	(0.00271)	(0.00624)
Idade_2	-9.57e-05***	0.000180**
	(3.07e-05)	(7.54e-05)
Comecou10_14	-0.0676***	-0.0983***
	(0.0138)	(0.0288)
Comecou15_17	-0.0349**	-0.0495
	(0.0169)	(0.0318)
Comecou18_19	-0.0652***	-0.0778**
	(0.0232)	(0.0380)

(Conclusão)

empreendedor	Efeito Marginal Ativ. Agrícola	Efeito Marginal Ativ. Não Agrícola
Comecou20_24	-0.0937***	-0.136***
	(0.0245)	(0.0372)
Comecou30oumais	-0.0616	-0.136**
	(0.0508)	(0.0597)
Aluguel1	0.112	0.0646
	(0.106)	(0.183)
Aposentado	-0.0747***	0.0252
	(0.0196)	(0.0618)
Pensionista	0.0313	0.101
	(0.0389)	(0.0979)
Observações		2,072

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD de 2015. Notas: os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. * parâmetros significativos a 10%; ** parâmetros significativos a 5%; *** parâmetros significativos a 1%.

Fazendo uma comparação com a mulher empreendedora rural, separamos na tabela 1.2, empreendedoras que exercem atividade agrícola na zona rural e atividade não agrícola na zona rural, podemos observar que ter filhos possui para ambos os casos, sinal positivo sendo 0,08% e 0,5% respectivamente. Analisando a variável idade, observou que para a atividade agrícola, a mesma possuiu sinal positivo, sendo 4,72%, já a não agrícola na zona rural, possui sinal negativo 0,8% diferenciando do resultado encontrado comparando com a atividade rural.

Outro tópico que merece atenção, refere-se ao estudo das mulheres empreendedoras, onde observou-se que ao contrário do resultado da primeira regressão, ensino fundamental incompleto possui sinal negativa para atividade agrícola na zona rural, e sinal positivo para atividade não agrícola na zona rural, sendo -0,3% e 10,4% por essa ordem.

5. COSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo analisar os fatores determinantes do empreendedorismo feminino rural no Brasil a partir dos dados da PNAD de 2015. Primeiramente foi filtrado a Pnad somente para as mulheres, sendo elas economicamente ativas, residentes de zona rural e que não são funcionários públicos, Os resultados obtidos sobre o perfil da mulher empreendedora no pais, demonstraram que existem efeitos significativos positivos para as seguintes variáveis, diferenciando entre zona rural, atividade agrícola na zona rural, atividade não agrícola na zona rural.

Para a zona rural, os efeitos significativos positivos foram encontrados em diversas variáveis, podendo dar destaque para as variáveis, separada, fundamental incompleto, fundamental completo, médio incompleto, médio completo, norte, centro oeste, raça, idade. Já para a atividade agrícola na zona rural, os resultados significativamente positivos foram encontrados nas variáveis, separada, médio completo e idade, e para atividade não agrícola na zona rural, os resultados consideráveis que tiveram os resultados positivos encontrados foram, fundamental completo e incompleto, norte, nordeste e idade ao quadrado.

Em relação a educação, foi detectado resultados significantemente positivos ao olhar para as agroempreendedoras que exercem atividade agrícola, para a variável ensino médio, com probabilidade de 23,54%, já para as mulheres que não exercem atividade agrícola, foi encontrado como resultado significativo positivo, a variável ensino fundamental incompleto, com probabilidade de 30,91%.

No que se refere a região onde vive, os resultados diferem-se entre as empreendedoras rurais que exercem atividade agrícola e não agrícola. Por um lado, para as mulheres que exercem atividade agrícola, foi encontrado resultados significativos negativos para a região Sudeste e centro oeste. Por outro lado, analisando as que exercem atividade não agrícola, foram encontrados resultados significativos positivos para o nordeste e norte.

Por fim, este trabalho contribuiu para a literatura sobre o tema ao produzir informações de extrema importância sobre as mulheres empreendedoras rurais do país e pode colaborar com a criação de políticas públicas. Além do mais, o empreendedorismo, pode colaborar para o desenvolvimento do país, sendo um

importante meio para criação de novos empregos não somente para a mulher mas também para os homens, mas dando destaque, para aumentar a autossuficiência financeira da mulher rural brasileira.

REFERÊNCIAS

BATISTA,JL.F. Verossimilhança e máxima 2009. Disponível em:<http://cmq.esalq.usp.br/BIE5781/lib/exe/fetch.php?media=leituras:verossim.pdf>. Acesso em 26 maio de 2018

BEYDA, T. T.; CASADO, R. U. Relações de trabalho no mundo corporativo: possível antecedente do empreendedorismo? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1066–1084, 1 jan. 2011.

BLANCHFLOWER, D. G. **Self-employment in OECD countries**. Labour economics, v. 7, n. 5, p. 471–505, 2000.

BLANCHFLOWER, D. G.; J. OSWALD, A. **What Makes an Entrepreneur**. Labour economics, v. 16, n. 1, p. 26– 60, 1998.

BORJAS, George. Economia do Trabalho. Porto Alegre: AMGH, 2012.

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, p. 101-124, 2015

BRUIN, Anne; BRUSH, Candida G.; WELTER, Friederike. Advancing a framework for coherent research on women's entrepreneurship. Entrepreneurship: Theory & Practice, : Theory & Practice Malden, v. 31, n. 3, p. 323-339, May 2007.

CALVO, G. A.; WELLISZ, S. **Technology, Entrepreneurs, and Firm Size**. The Quarterly Journal of Economics, v. 95, n. 4, p. 663–677, 1 dez. 1980.

CHAVES, R. de Q.; MAGALHÃES A. M.; BENEDETTI, O. I. S.; BLOS, A.L. F.; SILVA, T. N. da. Tomada de decisão e empreendedorismo rural: um caso da exploração comercial de ovinos de leite. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, Taubaté, v.6, n. 3, p.3-21, set-dez, 2010.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo:** dando asas ao espírito

CRAMER J. S. The origins and development of the logit model. University of Amsterdam and Tinbergen Institute, Amsterdam, 2003.

CROMIE, S.; HAYES, J. Towards a typology of female entrepreneurs. **The Sociological Review**, v. 36, n. 1, p. 87–113, 1 fev. 1988.

DAVIES-NETZLEY, S. A. Gendered Capital: Entrepreneurial Women in American Society. [s.l.] Taylor & Francis, 2000.empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2007.

EVANS, D. S.; LEIGHTON, L. S. **Some Empirical Aspects of Entrepreneurship**. The American Economic Review, v. 79, n. 3, p. 519–535, 1 jun. 1989.

FERNANDEZ, D. B.; SCOTTO, M.-J.; FISCHER, B. **Entreprendre en France ? Les motivations des femmes**: Working Papers. [s.l.] Department of Research, Ipag Business School, 1 jan. 2014.

FISHER, R. A. Appendix to bliss: The case of zero survivors. Ann. Appl. Biol., Warwick, v.22, n.1, p.164-165, 1935.

FRANCO, M. M. S. Empreendedorismo Feminino: Características Empreendedoras das Mulheres na Gestão das Micro e Pequenas Empresas Goiânia, 2014.

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor (GEM)**, 2016. Disponível em: <http://www.gemconsortium.org/>. Acesso em: 20/05/2018

GRAY, K. R.; FINLEY-HERVEY, J. Women and Entrepreneurship in Morocco: Debunk-ing Stereotypes and Discerning Strategies. **The International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 1, n. 2, p. 203–217, 1 jun. 2005.

GRZYBOVSKI, Denize. Estilo feminino de gestão em empresas familiares gaúchas. Disponível em Acesso 25 agosto 2018.

GUJARATI, D. N. **Econometria básica**. Elsevier Brasil, 2006.

HAMMARSTEDT, M. **Predicted earnings and the propensity for self-employment**: Evidence from Sweden. International Journal of Manpower, v. 30, n. 4, p. 349–359, 2009.

HERMANS, J. et al. **Ambitious entrepreneurship: antecedents and consequences**: Working Papers. [s.l.] University of Namur, Department of Economics, nov. 2012.

KENNEDY, PETER. **Manual de econometria.** Elsevier, 2009.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. Women in the recent recovery of the Brazilian labor market. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 25, n. 2, p. 233–249, dez. 2008.

LUCAS, R. E. **On the Size Distribution of Business** Firms. Bell Journal of Economics, v. 9, n. 2, p.508–523, 1978.

LUCAS, R. E. On the Size Distribution of Business Firms. Bell Journal of Economics, v. 9, n. 2, p. 508–523, 1978.

MATHEW, V. Women entrepreneurship in Middle East: Understanding barriers and use of ICT for entrepreneurship development. **International Entrepreneurship and Manage-ment Journal**, v. 6, n. 2, p. 163–181, 1 jun. 2010.

MAYR, K.; PERI, G. **Return Migration as a Channel of Brain Gain**. [s.l.] National Bu-reau of Economic Research, maio 2008.

MENEZES, G.; QUEIROZ, V. S.; FEIJO, F. T. Determinantes do Empreendedorismo no Brasil: uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos. Enaber, 2015

CEPEA - MERCADO DE TRABALHO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO | EDIÇÃO ESPECIAL | VOLUME 1 MULHERES NO AGRONEGÓCIO. Retirado em 15 de maio.2018,de https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_FINAL.pdf

Moore, D. P., & Buttner, E. H. (1997). Women entrepreneurs: Moving beyond the glass ceiling. Thousand Oaks, CA: Sage

NASER, K.; NUSEIBEH, R.; AL-HUSSAINI, A. Personal and external factors effect on women entrepreneurs: evidence from kuwait. **Journal of Developmental Entrepreneur-ship**, v. 17, n. 02, p. 1250008, 1 jun. 2012.

PARKER, S. C. **The Economics of Entrepreneurship**. Cambridge [etc.]: Cambridge University Press, 2009.

PARKER, S. C. **The Economics of Self-Employment and Entrepreneurshi**p. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

REES, H.; SHAH, A. An empirical analysis of self-employment in the U.K. **Journal of Applied Econometrics**, v. 1, n. 1, p. 95–108, 1 jan. 1986.

REES, H.; SHAH, A. **An Empirical Analysis of Self-Employment in the U.K**. Journal of Applied Econometrics, v. 1, n. 1, p. 95 – 108, 1 jan. 1986.

SHINDHUTTE, M., MORRIS, M., & BRENNAN, C. (2001). Female entrepreneurs and their children: Implications for family life, career aspirations and entrepreneurial perceptions. In Frontiers of Entrepreneurship Research. Wellesley, MA: Center for Entrepreneurial Studies/Babson College. Retirado em 24 ago. 2018, de http:// www.babson.edu/entrep/fer/Babson2001/IV/IVF/IVF/iv-f.htm

SOUZA, P. A. R., F. A. V. ANDRADE, J. O. O. MAIA, e P. J. N. REIS. “A agricultura familiar e a geração de renda na Amazônia: uma abordagem empreendedora no município de Parintins AM.” **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, 2013: vol. 7, nº 3, p. 01-17

SPENCER JR., L. M. e SPENCER, S. M. Competence at Work: models for superior performance. New York: John Wiley and Sons, 1993, p.11

STILL, L. V.; TIMMS, W. Women’s business: the flexible alternative workstyle for wom-en. **Women in Management Review**, v. 15, n. 5/6, p. 272–283, 1 ago. 2000.

TERJESEN, S.; AMORÓS, J. E. Female Entrepreneurship in Latin America and the Car-ibbean: Characteristics, Drivers and Relationship to Economic Development. **The Euro-pean Journal of Development Research**, v. 22, n. 3, p. 313–330, 1 jul. 2010.

TIMMONS, J. A. New Venture Creation: **Entrepreneurship for the 21st century**. Chicago, IL:Irwin, 4th ed. 1994. Apud DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luisa**. 30 ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

Uchitelle, L. (2002, July 6). A middle way: More moms find a balance for job and family. International Herald Tribune.

VALE, G. M. V.; CORRÊA, V. S.; REIS, R. F. DOS. Motivações para o empreendedoris-mo: necessidade versus oportunidade? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 3, p. 311–327, jun. 2014.

VIEIRA, J.P.; JACINTO, P. A. Religião e empreendedorismo no Brasil: Uma análise utilizando modelos de escolha ocupacional. 2013.

VILLAS BOAS, Andréa. Valor Feminino: desperte a riqueza que há em você – São Paulo: Ed. Do autor, 2010

WINN, J. Women Entrepreneurs: Can We Remove the Barriers? **The International En-trepreneurship and Management Journal**, v. 1, n. 3, p. 381–397, 1 set. 2005.

WIT, G. DE. **Determinants of Self-employment**. Heidelberg: Psysica, 1993.

WOOLDRIDGE, J. M. **Econometric Analysis of Cross Section and Panel Data**. Second edition ed. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2010.

ZANAKIS, S. H.; RENKO, M.; BULLOUGH, A. Nascent entrepreneurs and the transition to entrepreneurship: why do people start new businesses? **Journal of Developmental En-trepreneurship**, v. 17, n. 01, p. 1250001, 1 mar. 2012.

APÊNDICE

Quadro A.1: Revisão da literatura

Autor	Título	Objetivo	Método	Conclusão
Serpa et al. (2017)	Vale a pena ser empreendedor no Brasil? Uma análise utilizando micro dados	Analisar os fatores que influenciam a escolha de ser empreendedor ou empregado, analisando especialmente se existe diferença de salários entre as duas ocupações no Brasil	Probit *Oaxaca-Blinder,* PNAD (2015)	Encontrou-se que os homens são os que mais empreende, foi analisado também a cor, escolaridade, idade (como uma proxy), entre outras. Foi analisado a zona que o indivíduo reside e foi encontrado os resultados, que os que vivem na zona urbana tem 3,96% menos chance de se tornar um empreendedor, comparado com os que vivem na área metropolitana, que sua chance de se tornar empreendedor reduz em 1,88%r. Em contrapartida, os indivíduos moradores da zona agrícola o efeito é positivo contribuindo para a elevação da probabilidade em 6,55%.
Jacinto; Oliveira (2018)	Decompondo o Rendimento do Empreendedorismo Feminino Brasileiro: Uma Análise Idade-Período-Coorte	O artigo teve como objetivo. Analisar a divisão dos retornos do empreendedorismo feminino no Brasil, no período de 1992-2015.	Modelo de regressão quantílica PNAD (2015)	O autor destacou como determinantes para o empreendedorismo, faixa etária das mulheres, bem como os efeitos das mudanças sociais. Além disso, encontrou evidencias de queda do empreendedorismo feminino no período de 1992-2015. Por fim, o autor encontrou o efeito idade, relevante para evidenciar o empreendedorismo, e concluiu que, os indicadores da força da socialização são heterogêneos, mas que estão correlacionados.

Vieira; Jacinto (2013)	Religião e Empreendedorismo no Brasil: Uma Análise Utilizando Modelos de Escolha Ocupacional	O objetivo do artigo de VIEIRA, J. P. V.; JACINTO, P. DE A. É classificar as influências das diferentes religiões sobre o empreendedorismo	Modelo de escolha discreta (ocupacional PNAD (1988).	Concluiu que a melhor maneira de estimar a pesquisa seria com as informações religiões, sexo, raça, duas faixas de renda, uma mais baixa e uma mais alta, duas faixas de escolaridade, uma mais baixa e uma mais alta e duas faixas de idade, uma composta dos mais jovens, até 24 anos e uma dos mais velhos, mais de 60 anos. Além de localização, onde o autor dividiu em regiões brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, região Sul, Minas Gerais e Espírito Santo, região Nordeste, Distrito federal, região Norte e região Centro Oeste. Como resultado, observou que religiões protestantes tem o comportamento similar a dos espiritas, os católicos aparecem no final da lista, sendo o grupo que menos estimula o empreendedorismo. Entre diversos resultados, pode-se destacar que os indivíduos que residem na zona urbana reduz a probabilidade em 13,05% de ser empreendedores,
Rosa (2018)	Empreendedorismo feminino e diferenciais de rendimentos: Evidências para o brasil	Estudos de Rosa (2018) tem por objetivo estudar o empreendedorismo feminino no Brasil através da análise de fatores socioeconômicos que afetam na escolha de inserção em ocupações empreendedoras no Brasil, além de calcular o diferencial de rendimentos entre as empreendedoras e assalariadas	*probit*, (PNAD) de 2015	Como resultados, foram encontrados resultados positivos para as variáveis raça, idade, chefe de família, migrante de retorno e efeitos estatisticamente significativos negativos à elevação dos anos de estudo na probabilidade de empreender no Brasil.

Fonte: Elaborado pelo autor.